

**Da lanterna mágica aos slides de lanterna  
na Igreja Metodista nos EUA e no Brasil**

**From magic lantern to lantern slides  
in the Methodist Church in the US and Brazil**

*Helmut Renders<sup>1</sup>*

*Lidia Kamayo Ueda-Fischer<sup>2</sup>*

**RESUMO**

Este artigo dedica-se ao uso de slides de lanterna na Igreja Metodista Episcopal e Igreja Metodista Episcopal, Sul, nos EUA e no Brasil, entre 1840 e cerca de 1950. Menciona-se o uso religioso dessa mídia já com seu predecessor, a lanterna mágica, inventada ao redor de 1671. Contudo, a crítica do seu amplo uso fantasmagórico, atrasa inicialmente seu uso, tanto na religião tradicional como na ciência. Isso muda sucessivamente durante o século 18 até seu amplo uso no século 19 na ciência, na educação e na educação religiosa, em especial na escola dominical. Depois de 1840, as igrejas usam slides de lanterna para evangelizar dentro e fora dos EUA y para dar a conhecer, internamente, o trabalho de suas missões em diferentes partes do mundo, em especial entre 1870 e 1930. Uma contribuição metodista peculiar e a montagem da maior tela de projeção até então conhecido em 1919, na Exposição do Centenário Metodista. Acompanha o uso da mídia pelos metodistas um amplo uso de diferentes estilos de arte, em especial do barroco e do romantismo, sem filtros confessionais. Sugere-se que a opção tanto pela mídia em si, como pelos estilos em geral não ocorre por acaso e, quanto ao segundo aspecto, nem por uma atitude “proto-ecumênica”, nem por uma simples ignorância em relação ao fato, mas pelo interesse na promoção de uma religiosidade que valoriza o aspecto afetivo da piedade.

**PALAVRAS-CHAVE**

Linguagens Religiosas; Cultura Visual Evangélica; Lanterna Mágica; Slides de Lanterna; Metodismo.

**ABSTRACT**

This article is dedicated to the use of lantern slides in the Methodist Episcopal Church and Methodist Episcopal Church, South, in the USA and Brazil, between 1840 and around 1950.

---

<sup>1</sup> Professor da Umesp no PPG em Ciências da Religião e na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. Coordenador do Grupo de Pesquisa RIMAG0 – Cultura Visual Religiosa. Contato: [helmut.renders@metodista.br](mailto:helmut.renders@metodista.br).

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Religião pelo PPG em Ciências da Religião da Umesp. Contato: [lidia\\_ueda@hotmail.com](mailto:lidia_ueda@hotmail.com).

The religious use of this medium is mentioned already with its predecessor, the magic lantern, invented around 1671. But criticism of its widespread phantasmagoric application initially delays its use, both in traditional religion and in science. This change successively occurs during the 18th century, until its wide use in the 19th century in science, education and religious education, especially in Sunday Schools. After 1840, churches used lantern slides to evangelize inside and outside the USA and to promote their missions that took place in different parts of the world, especially, between 1870 and 1930. A peculiar Methodist contribution is the assembly of the largest screen of hitherto known projection in 1919, at the Methodist Centenary Exhibition. The use of media by Methodists is accompanied by a wide use of different styles of art, especially Baroque and Romanticism, without confessional filters. It is suggested that the choice both for the media itself and for styles in general does not occur by chance and, regarding the second aspect, neither because of a “proto-ecumenical” attitude, nor because of a simple ignorance regarding the fact, but interest in promoting a religiosity that values the affective aspect of piety.

## KEYWORDS

Religious Languages; Protestant Visual Culture; Magic Lantern; Lantern Slides; Methodism.

## Introdução

Este artigo em conjunto apresenta parcialmente resultados de uma dissertação de mestrado<sup>3</sup> que contribuiu para um projeto de pesquisa sobre a cultura visual evangélica<sup>4</sup>, desenvolvido no grupo de pesquisa CNPq RIMAGO – Cultura visual religiosa, coordenada por Helmut Renders. Foca-se no amplo e diversificado uso de slides de lanterna na Igreja Metodista<sup>5</sup> entre 1880 e 1950. Trata-se de um exercício na arqueologia do saber da cultura visual evangélica, já que hoje em dia em geral não se sabe mais acerca da importância desse tipo de cultura visual nas igrejas evangélicas do protestantismo da missão vindo dos EUA na segunda metade do século 19 para Brasil. Estes slides de lanterna se juntaram a outras mídias visuais como de bíblias ilustradas, vitrais, imagens impressas de obras de arte circulando nas Escolas Dominicais e cartazes religiosas, todas usadas na Igreja Metodista, na sua grande maioria provenientes dos EUA para Brasil.

---

<sup>3</sup> UEDA-FISCHER, Lidia Kameyo. Slides de lanterna: expressão da cultura visual do protestantismo de missão na chegada ao Brasil. 2022. 125 f. Dissertação (Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022. Como introdução na temática da cultura visual evangélica no Brasil desenvolveu-se em 2019 uma pesquisa no formato de uma iniciação científica com o tema “As bíblias ilustradas de família dos EUA e o surgimento da cultura visual protestante brasileira” (FAPESP Processo 18/18803-6). Seu mestrado foi auxiliado por uma bolsa CAPES taxa.

<sup>4</sup> Este projeto está atualmente em sua segunda fase. Na primeira explorou-se o surgimento da cultura visual evangélica no Brasil (FAPESP Projeto Regular, processo 15/13737-7). Na segunda investiga-se o abramileiramento das culturas visuais estrangeiras no Brasil (FAPESP, Projeto regular, processo 20/16134-0).

<sup>5</sup> Até 1930: Igreja Metodista Episcopal e Igreja Metodista Episcopal, Sul. Ambas as igrejas mantiveram missões no Brasil. A primeira operava até 1925, em Belém, no Pará; e até 1900, no Rio Grande do Sul, a segunda no Sudeste. A partir de 1930, com a reunião das duas vertentes, usavam-se os nomes “Igreja Metodista” nos EUA. No Brasil prevaleceu até 1930 somente o trabalho da Igreja Metodista Episcopal, Sul, que assumiu o trabalho em Rio Grande do Sul já em 1900, mas, não o trabalho no Norte, que encerrou em 1925. Em 1930 tornou-se autônoma e chamava-se até 1970 “Igreja Metodista do Brasil” quando seu nome mudou para Igreja Metodista. Nos EUA se chama desde 1968 “Igreja Metodista Unida”.

A ideia de um protestantismo de missão chegando ao Brasil nem como iconoclasta nem como iconólatra, mas como iconófila enquanto uso educacional e até devocional de sua cultura visual, porém não é senso comum, o que representa para nós o problema da pesquisa que ela pretende resolver. Como método, propomos uma combinação de um estudo bibliográfico com a consideração de acervos visuais, em especial, slides de lanterna de instituições religiosas, entre elas, da Igreja Metodista nos EUA e no Brasil. Organizamos este artigo em três seções. Na primeira, destacamos que já o predecessor dos slides de lanterna, a chamada lanterna mágica, nasce com uma discussão sobre seu potencial religioso; na segunda, olhamos para o uso religioso de slides de lanterna na Igreja Metodista nos EUA como sua expressão máxima pelas celebrações do centenário das missões metodistas; na terceira, damos uma ideia inicial dos slides de lanterna usadas pela Igreja Metodista no Brasil.

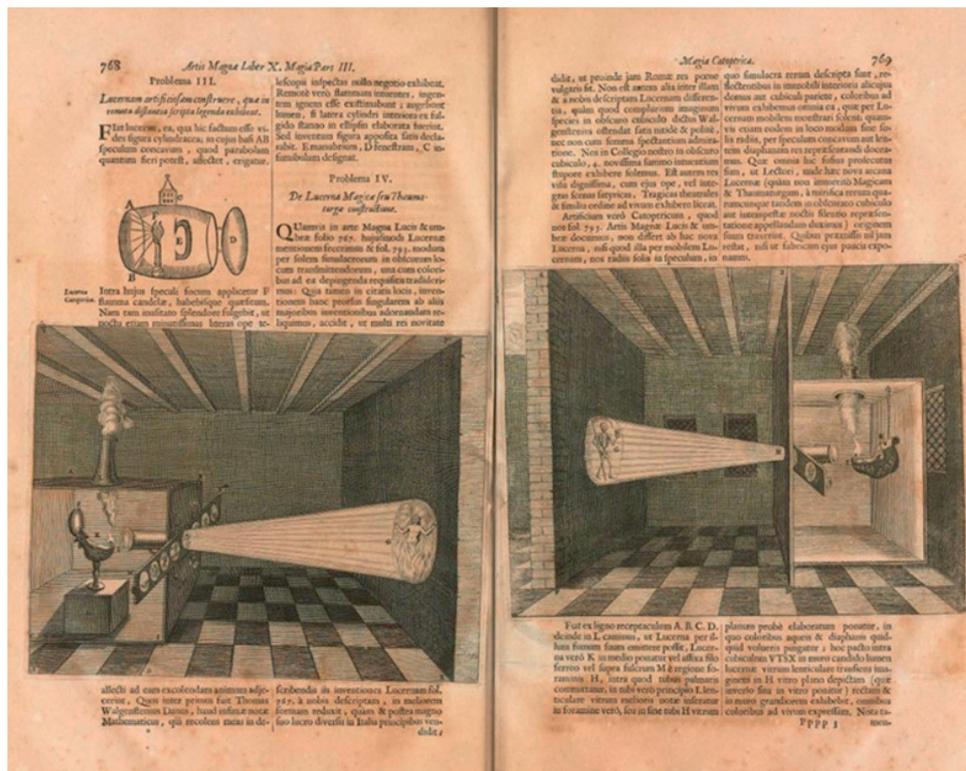
### **1. A predecessora dos slides de lanterna religiosos: a lanterna mágica e seu vínculo com a religião**

A história dos slides de lanterna começa no século 17 e seu nome inicial adotado foi lanterna mágica, uma designação que obviamente já contém uma conotação religiosa. “Em essência, a lanterna mágica simplesmente vira a câmera obscura do avesso”<sup>6</sup>. Três nomes são cogitados como seus inventores. Laurent Mannoni<sup>7</sup> menciona o jesuíta cientista Athanasius Kircher (1602-1680) e o astrônomo, matemático e físico holandês Christiaan Huygens (1629-1695) atuando no Amsterdã calvinista; mas, segundo Vermeir<sup>8</sup>, foi P. Petit que fez um pequeno esboço de uma lanterna mágica em uma carta de 28 de novembro de 1662 ao próprio Huygens. Iniciamos com a obra de Kirchner.

<sup>6</sup> KITTLER, Friedrich. *Optical media: Berlin lectures 1999*. Tradução: Anthony Enns. Cambridge; Malden, MA: Polity Press, 2010. p. 71.

<sup>7</sup> MANNONI, Laurent. *The great art of light and shadow: archaeology of the cinema*. Exeter, Devon: University of Exeter Press, 2000. p. 34.

<sup>8</sup> VERMEIR, K. “The Magic of the Magic Lantern (1660-1700): on analogical demonstration and the visualization of the invisible”. *The British Journal for the History of Science*, v. 38, n. 2, p. 127-159, 2005. p. 128.

Figura 1: Kirchner, A. *Ars magna lucis et umbrae*, Roma, 1646.<sup>2a</sup> ed. Amsterdã, 1671. p 768-769.

<https://archive.org/details/athanasiikirche00kirc/page/n9/mode/2up>

Kirchner trabalhava uma boa parte de sua vida na Universidade Gregoriana em Roma e descreveu seu aparelho que ele chamava *microscopium parastaticum* na sua obra *A Grande Arte da Luz e da Sombra* pela primeira vez em 1646, em uma edição publicada em Roma, impressa por Lodovico Grignani. Em 1671 seguia uma edição em Amsterdã.<sup>9</sup> É então possível que o holandês Huygens tenha conhecimento das pesquisas de Kirchner: Anota-se, porém, que as duas gravuras apareceram somente na segunda edição de 1671, como também a designação como lucerna mágica<sup>10</sup>. A segunda edição documenta, então, eventualmente, uma dependência inversa que resultou em uma ampliação.<sup>11</sup> Seja que for, a partir de 1671 a designação lucerna<sup>12</sup> mágica é documentada, o que corresponde ao posterior lanterna mágica.

Um primeiro vínculo entre a mídia e a religião já se estabelece nesta primeira fase, porém, de forma múltipla em ambígua. Por um lado, deve-se falar da própria concepção do livro de Kirchner. Em dez seções ele trata do tema da luz, considerando dimensões metafísicas e

<sup>9</sup> Não é o único livro de Kirchner publicado em Amsterdã, o que evidencia o interesse dos humanistas e cientistas do centro calvinista pelo trabalho do cientista jesuíta.

<sup>10</sup> KIRCHER, Athanasius. *Ars magna lucis et umbrae*: n decem libros digesta. Amstelodami: Johan Jansson, 1671. p. 768.

<sup>11</sup> Na edição de 1646 (KIRCHER, Athanasius. *Ars magna lucis et umbrae*: n decem libros digesta. Romae: Scheus, 1646, p. 887-888. Disponível em: <http://diglib.hab.de/drucke/94-2-quod-2f/start.htm>. Acesso em: 12 jan. 2023. É justamente a parte IV do Livro X bem modificado, inclusive o título.

<sup>12</sup> *Lucerna* pode ser traduzida por candeeiro – nas duas gravuras da edição de 1671 encontram-se lâmpadas de óleo – ou luminárias.

físicas do divino, da criação e do humano, das estrelas e da terra, da religião e da ciência.<sup>13</sup> As “projeções religiosas” nas imagens da lucerna mágica na segunda edição representam bem o que Kircher talvez nunca tenha feito: construí-la e usá-la. Já as imagens projetadas nessas duas gravuras contêm somente temas religiosos, o que sua vez implica um uso religioso. O retrato de uma pessoa no purgatório é certamente católico<sup>14</sup> (figura 1, lado esquerdo), e a escolha dos dois motivos não foge de modo algum da ênfase conferida pela catequese jesuíta aos novíssimos. Segundo, deve-se lembrar que o próprio Huygens experimentou, inicialmente, com projeções de imagens retratando a morte<sup>15</sup>, um motivo que justamente aparece na segunda gravura (figura 1, lado direito).

Aparentemente, ampliou-se a temática religiosa no uso da lanterna mágica nos tempos seguidos, incluindo retratos de fantasmas etc. Assim, a lanterna mágica tornou-se um aparato relacionado com o fenômeno de fantasmagoria ou a apresentação de miragens diante de uma plateia.<sup>16</sup> Isso resultou na sua descrição como “cette lanterne de peur”, “aquela lanterna de medo”<sup>17</sup>. E justamente neste ponto, Huygens, o cientista, identificava um problema:

[...] tanto quanto pode ser julgado Huygens não considerou a lanterna mágica entre suas obras importantes. A excitação que a projeção gerou entre seus amigos era de interesse apenas passageiro para ele. Provavelmente era a dupla natureza da lanterna que o incomodava: era um instrumento ótico interessante, mas as cenas grotescas e diabólicas que projetava tornavam-no menos sério, menos científico; Huygens não imaginava que pudesse ser usado para representar imagens científicas, por exemplo. Para ele, o aparelho era adequado para colocar em um armário de curiosidades, ao lado de marionetes, câmeras escuras e anamorfozes. Era um instrumento de entretenimento para o ‘prazer da noite’, como seria chamado no século XVIII. Imerso em sua pesquisa sobre a teoria das pulsações da luz, Huygens havia classificado mentalmente a lanterna como um passatempo de importância secundária<sup>18</sup>.

Percebe-se, então, que o potencial para o uso com conotações religiosas – em um sentido mais amplo – foi logo registrado e ao mesmo tempo questionado. Anota-se que a dúvida aqui não é de natureza religiosa, mas, científica. O cientista se desanima, inicialmente, em usar o aparato, justamente por registrar seu impacto sobre as pessoas e o fascínio que causou. Entretanto, aquilo que ele descreveu como uma “excitação que a projeção gerou” ia avançar ao longo dos

<sup>13</sup> A primeira gravura que antecede, como era o costume, a página com o título do livro, visualiza esta visão entrelaçada. Para verificar acesse: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8b/Kirchner%2C\\_Athanasius\\_-\\_Ars\\_Magna\\_Lucis\\_et\\_Umbrae\\_%28frontispiece%29.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8b/Kirchner%2C_Athanasius_-_Ars_Magna_Lucis_et_Umbrae_%28frontispiece%29.jpg).

<sup>14</sup> Esta iconografia encontra-se, como escultura, por exemplo, em diversas entradas de catedrais no México.

<sup>15</sup> MARTON, Fábio. *Aventuras na história*. Os três séculos da invenção do cinema. Como fazíamos sem a sétima arte? Ela foi criada parte a parte, 2017. s. p.

<sup>16</sup> Assim ainda Lize Braat (*Fantasmagorie: les lanternes de peur entre science et croyance*. Strasbourg: Éditions des Musées de Strasbourg, 2020) e também Yuji Navara (“Phantasmagoric Literatures from 1827: Johann Wolfgang von Goethe, Sin Chaha, and Kyokutei Bakin”. *Jahrbuch für Internationale Germanistik*, v. 54, n. 1, p. 145-166, jan. 2022) constroem uma relação com o campo da literatura do início do século 19. “No show de fantasmagoria, que surgiu nos anos 1790 e permaneceu popular por décadas, apresentavam-se imagens para a audiência, muitas das quais retratando monstros, fantasmas e aparições, por meio de projeção em uma tela semitransparente. As figuras pareciam crescer ou diminuir dinamicamente” (HUHTAMO, Eric. “Elementos de Screenologia: em direção a uma arqueologia da tela”. *Revista de Audiovisual Sala 206*, Vitória, ES, n. 3, p. 1-50 dez. 2013. p. 8).

<sup>17</sup> PETIT apud HUYGENS, Christiaan. *Oeuvres complètes de Christiaan Huygens*. Editado por D. Bierens de Haan, vol. 4: Correspondance 1662-1663. Den Haag: Editora Martinus Nijhoff, 1891. p. 293.

<sup>18</sup> MANNONI, 2000, p. 41.

próximos 150 anos, partindo dos shows fantasmagóricos, chegando em encontros religiosos das religiões estabelecidas.

## 2. O uso de slides de lanterna por instituições religiosas e Igreja Metodista Episcopal Sul

Um primeiro indicador para essa transposição é a introdução de um novo nome. Lanterna mágica é substituída por slides de lanterna ou, enquanto envolveu duas imagens, estereótipo. O desaparecimento da vinculação da mídia com o fenômeno do encanto no nome, aparentemente, facilitou seu uso pela religiosidade estabelecida da época. Mesmo assim, precisava disso, aqui lá ainda, ser esclarecida. Na citação em seguida, defende um autor anônimo no *McIntosh Battery and Optical Company Illustrated Catalogue* de 1890 o uso educacional e científico de slides de lanterna, argumentando que o aparelho teria passado por melhorias e que seu uso dependeria, afinal, da pessoa que a opera:

A Lanterna Mágica foi modificada, melhorada e renomeada para que o estereótipo de hoje tenha pouca semelhança com o instrumento bruto que excitou a admiração dos ignorantes e permitiu que os inescrupulosos jogassem com os medos supersticiosos nas eras que passaram. O investigador científico, o educador, o conferencista e aquele que simplesmente atende ao maior divertimento do público, encontram no estereótipo um auxílio indispensável. Em sua forma aprimorada, as investigações mais delicadas sobre os fenômenos químicos, físicos, elétricos e patológicos são possíveis [...] e seus resultados imediatos podem ser mostrados a uma audiência com a mesma facilidade como para um único indivíduo<sup>19</sup>.

O aparelho se torna agora um auxílio que depende em primeiro lugar do seu uso responsável e alerta-se que um uso irresponsável pode ter efeitos indesejáveis, fomentando superstições entre “ignorantes”. Aqui transparece a ideia da religiosidade oficial sobre a religiosidade popular e as classes sociais sem ação à educação. As duas áreas depois indicadas para o uso da nova mídia, as escolhas dominicais e os grupos de promoção da temperança, interessadamente, tem seu foco na educação (cristã) e na reconquista do autocontrole. Mas o elemento da excitação ou do espanto, relacionado por tanto tempo com essa mídia, não desaparece completamente. Ao lado do aspecto da informação pela mídia, encontra-se agora o aspecto performativo da mídia, porém, de uma forma controlado:

As Escolas Dominicais podem não apenas ser divertidas e interessantes, mas a instrução religiosa pode ser impressa nos corações de jovens e idosos de uma maneira muito eficaz por um estereóptico nas mãos de um Pastor ou Superintendente judicioso. Os Hinos Sagrados<sup>20</sup> ilustrados, especialmente, formam o exercício mais tocante e belo que se pode imaginar. Alguns de nossos pastores líderes usam este instrumento constantemente para ilustrar as Lições da Escola Dominical. As Sociedades de Temperança encontram no estereóptico uma ajuda

<sup>19</sup> S.N. *McIntosh Battery and Optical Company Illustrated Catalogue*. Chicago: 1890. p. 1.

<sup>20</sup> O uso de slides de lanterna para a projeção de canções era também muito comum em ambientes seculares. Veja a coletânea da Sociedade Histórica de Nova York, cujo Guia para a Coletânea de Slides de Lanterna 1860-1942 e organizado em quatro seções uma delas “Songs” com 95 exemplos (cf: <http://dlib.nyu.edu/findingaids/html/nyhs/lantern/dscref748.html>).

inestimável para despertar o interesse por este assunto que uma parte tão grande do público ainda considera banal e tedioso.<sup>21</sup>

A lanterna mágica, assim o texto, desperta e impressiona não somente a mente, mas, o coração humano. Ela apela à razão e ao afeto e é esse aspecto duplo que garante a sua especial eficácia, inclusive de tornar temas considerados banais e tediosos em algo interessante. Não encontramos uma reflexão teórica sobre esse alegado poder específico do visual ou da mídia visual, mas, na página anterior os autores do catálogo citam “Um senhor à frente de uma das maiores instituições do país onde um estereótipo é constantemente usado”, afirmando: “Depois do estereóptico, o quadro-negro parece servir quase para nada. Eu me pergunto como conseguimos ficar por tanto tempo sem ele”<sup>22</sup>. Ignorando aqui por um momento o fato que um quadro-negro pode ser também usado para desenhar, encontra-se aqui uma constatação indireta da superioridade do visual sobre o textual.

Além dos catálogos dos fabricantes, promoveu-se o uso de slides de lanterna por instituições religiosas estabelecidas também por revistas específicas. Um exemplo é a revista inglesa *The Optical Magic Lantern Journal and Photographic Enlarger: a Magazine of Popular Science for the Lecture room and the Domestic Circle*, ou seja, *O Jornal da Lanterna Mágica Óptica e Ampliador Fotográfico: uma Revista de Ciência Popular para a Sala de Aula e o Círculo Doméstico* (figura 3). Sua circulação teve início em 1889, no auge do uso da mídia, com edições mensais. Já em 1904, mudou seu nome para *The Optical Lantern and Cinematograph Journal*, ou seja, anunciou-se a lenta mudança para o uso de mais uma nova mídia, o cinema, junto ao contínuo uso de slides de lanterna.<sup>23</sup> Nesse jornal, informações sobre o uso de slides com temas religiosos não tomam muito espaço, mas existem. Em sua primeira edição, o tema não aparece, mas, em outras edições, há anúncios de vendedores de slides de lanterna com motivos bíblicos ou propostas de revenda e troca que envolvem esses tipos de motivos. No anúncio acima reproduzido (figura 4), fala-se de um catálogo de “1000 motivos, ilustrando as histórias da Bíblia de capa a capa”.

Depois ainda se menciona a origem desses motivos: “Todas as imagens foram selecionadas com muito cuidado entre os grandes mestres, antigos e novos, pelos melhores especialistas”. Anota-se que aqui não aparece uma dúvida sobre o uso de imagens em si, mas sobre o critério da escolha. Estas pinturas podem ser antigas ou novas, mas devem ser de pintores renomados.

<sup>21</sup> S.N., 1890, p. 2.

<sup>22</sup> S.N., 1890, p. 1.

<sup>23</sup> Que metodistas também abraçaram essa próxima nova tecnologia sugere um artigo do pastor metodista Chester C. Marshall (“The church and the cinema, motion picture activities in two metropolitan churches which resulted in great ethical and spiritual good: helpful suggestions to churchmen and film manufacturers”. *Educational Film Magazine: The National Authority*, jan. 1919, p. 12-13) quem relata grandes benefícios éticos e espirituais do seu uso e faz sugestões tanto para lideranças de igrejas como produtores de filmes.

Figura 3: The Optical Magic Lantern Journal, London, v. 1., n. 1. p. 1, jun. 1889.

*W. Pittman*

THE OPTICAL  
**MAGIC LANTERN**  
— JOURNAL —  
AND  
**PHOTOGRAPHIC ENLARGER.**  
*A Magazine of Popular Science for the Lecture-room and  
the Domestic Circle.*  
Published on the 15th of each month.

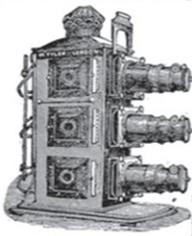
---

Vol. 1.—No. 1. [June 15, 1889.] **JUNE 15, 1889.** Price One Penny.

---

**MAGIC LANTERNS & SLIDES.**

**WALTER TYLER**



Has the Largest and Best Stock in the World, and making this Business his entire occupation, is in the position to supply the Trade, Shippers, and Exhibitors at such Moderate Prices, that none of the so-called Manufacturers, or Stores, are able to compete. Walter Tyler's principal workmen have made most of the Lanterns that have obtained Prize Medals at the various Exhibitions, and the staff of Artists employed have had many years' experience in producing the best results. The very large stock of upwards of 100,000 Slides, and many hundreds of Lanterns, from one to £200, enables Walter Tyler to dispatch orders immediately on receipt.

On account of the great increase of business, Walter Tyler has been compelled to augment his staff of Assistants, and to considerably enlarge his premises, where the making of Slides and the manufacture of Lanterns is carried on under his superintendence.

Most of the Comic Sets of Slides have been reproduced, at great expense.

Great Reductions have been made in the Hire of Slides, which can now be had on hire at 1s. per dozen, no extra charge being made for Chronotropes or Effects.

All requiring the very Best Value should not fail to send for the largest and most complete Catalogue, which will be sent Post-free to all applicants.

**Great Bargains in Second-hand Lanterns and Slides.**

**NOTO—BEST QUALITY, LOWEST PRICES, PROMPT DISPATCH—**

**WALTER TYLER, 48, WATERLOO ROAD, LONDON, S.E.**

Fonte: <https://archive.org/services/img/opticalmagiclanternjournal-1889-06>

Figura 4: The Optical Magic Lantern Journal, London, v. 4., n. 55, p.xxii, dez 1893.

**SUNDAY LANTERN SERVICES**  
**THE LANTERN BIBLE.**

Our Catalogue contains over 1000 Subjects, illustrating the Bible History from cover to cover. All the pictures are selected with special care from the works of the greatest ancient and modern Masters; and the texts (numbering about 200 additional slides) carefully chosen by an experienced lanternist, who has also given close attention to their proper "display."

*Help* declares this to be "Much the most comprehensive of any series of pictures yet prepared."

*Catalogue, post free, on application to*  
**STEVEN BROS., 33, Osborne St., City, GLASGOW.**

Fonte: <https://archive.org/services/img/opticalmagiclanternjournal-1893-09>

Quanto às revistas específicas dedicadas à pesquisa sobre os slides de lanterna, textos sobre o uso de slides com temas religiosos e seu uso por instituições religiosas são raras. Por exemplo, nos primeiros trinta anos dos artigos da *Magic Lantern Gazette*, inicialmente *Magic Lantern Bulletin*, aparecem somente três artigos dedicados a slides com temas religiosos<sup>24</sup>.

<sup>24</sup> DUPELX, Bombastes. "The Magic Lantern in Church". *Magic Lantern Bulletin*, San Diego, Ca, v. 2, n. 3, p. 3-4, 1988; BOOTS, Cheryl C. "The Intersection of Technology and Religion: Magic Lantern Hymn Slides". *Magic Lantern Gazette*, San Diego, Ca, v. 5, n. 2, p. 12-13, 1993; [republicado 2009, p. 32-33]; ANDERSON,

Um deles apresenta uma datação do uso dos slides de lanterna em igrejas cristãs.

Em um dos departamentos da Escola Dominical da Filadélfia, uma melhoria adicional foi tentada com sucesso, segundo entendemos, pela ilustração de histórias das escrituras, com a lanterna mágica. Aprovamos fortemente esses planos e pensamos que experimentos simples e filosóficos, ilustrando os fenômenos comuns da natureza, podem levar a mente jovem da natureza até o Deus da natureza; e quando combinado com uma divertida elucidação da história, seja bíblica, geral ou natural, deve ser prontamente permitido... tornar as crianças inteligentes, bem-informadas, virtuosas e felizes. *American Sunday-School Teacher's Magazine and Journal of Education*, September 1824<sup>25</sup>.

O autor documenta em seu artigo anúncios de apresentações em ou de igrejas feitas com lanternas mágicas a partir da década de 30 do século 19, mas, sugere que o início poderia ter ocorrido até duas décadas antes. Em duas tabelas o autor lista anúncios dos anos 1838-1859<sup>26</sup> e 1860-1869<sup>27</sup>. Neles menciona-se igrejas anglicanas, batistas, congregacionalistas, luteranas e metodistas. Segundo o autor, apresentações com slides de lanterna eram a partir de 1840<sup>28</sup> comuns em escolas dominicais e encontros de avivamentos:

O apelo de Charles Finney por ‘novos homens, novos métodos’ durante o Segundo Grande Avivamento abriu as portas para técnicas inovadoras em movimentos evangelizadores posteriores. A União Americana da Escola Dominical fundada em 1824 experimentou um ressurgimento após a Guerra Civil. A YMCA<sup>29</sup> e a YWCA<sup>30</sup> entraram em seu meio século de maior vitalidade e utilidade durante a década de 1870. [...] Os reavivamentos de Moody Sankey [...] elevaram a posição da música a parceira de pleno direito nas conversões religiosas. Todos esses esforços de missões urbanas correspondiam à disponibilidade e acessibilidade de lanternas mágicas e slides<sup>31</sup>.

Charles Finney (1792-1875), um pastor presbiteriano, e o congregacionalista Dwight Lyman Moody (1837-1899), que trabalhou depois de 1870 com o cantor metodista Ira David Sankey (1840-1908), alcançaram e comoveram grandes audiências.

---

Christopher. “Magic lanterns, missionary photographs, and the world’s largest screen. *Magic Lantern Gazette*, San Diego, Ca, v. 17, n. 3, p. 2-5, 2005.

<sup>25</sup> WELLS, Kentwood D. “The magic lantern in American churches before 1860”. *The Magic Lantern Gazette*, San Diego, v. 27, n. 4, p. 3-33, 2015. p. 3.

<sup>26</sup> WELLS, 2015, p. 11-13.

<sup>27</sup> WELLS, 2015, p. 32-33.

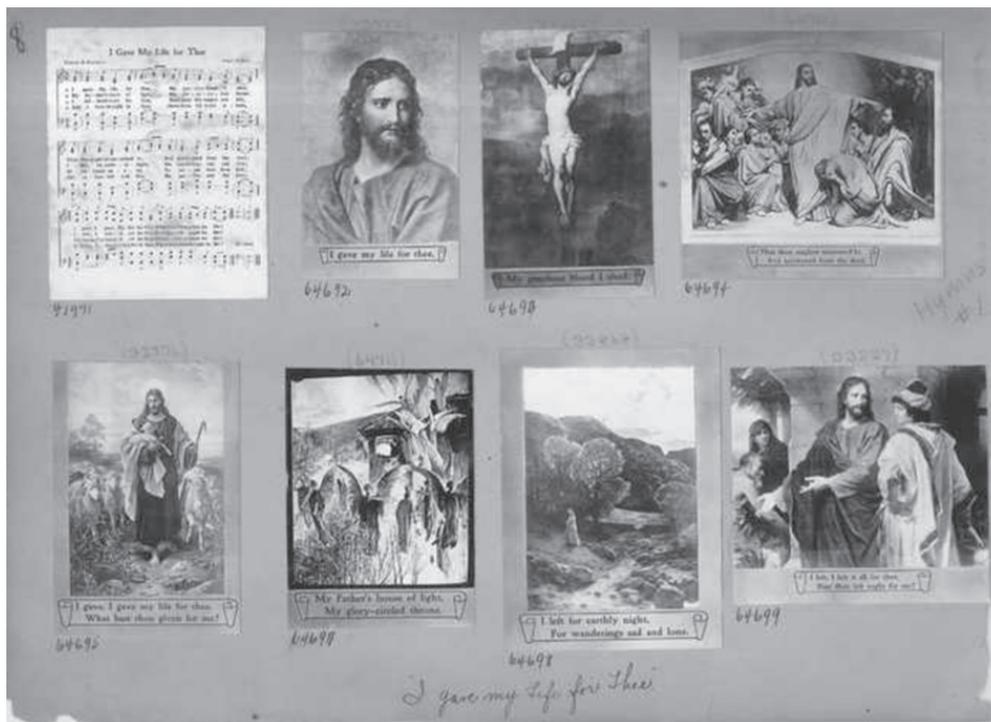
<sup>28</sup> WELLS, 2015, p. 10.

<sup>29</sup> *Young Men's Christian Association*, fundada em 1844. No Brasil chama-se *Associação Cristã de Moços* (ACM).

<sup>30</sup> *Young Women's Christian Association*, fundada em 1894. No Brasil chama-se *Associação Cristã Femina* (ACF).

<sup>31</sup> BOOTS, 1993, p. 12.

Figura 5: Slides de lanterna do hino “I give my life to thee”, 1920.



Fonte: <http://catalog.gcah.org/omeka/items/show/56543>

Parte disso era a projeção de novos hinos, promovendo o canto comunitário, envolvendo os participantes e chegando aos seus corações.<sup>32</sup> Mesmo assim, era esse apelo ao gosto das massas moderada: “Durante o século XIX, slides de lanternas mágicas em geral, e slides de hinos especificamente, promulgaram a cultura protestante e os valores da classe média em seu uso público e privado. [...] lanternas mágicas fornecem um local para alfabetização visual [...]”<sup>33</sup>. Depois integrou-se essa prática também nos cultos comuns. Um exemplo para isso encontra-se no *Acervo Digital do Acervo Geral da Igreja Metodista Unida* nos EUA. Trata-se do hino “I give my life to thee”, “Eu ofereço a minha vida a ti”, composto pela inglesa anglicana Frances Ridley Havergal (1836-1879). A canção é acompanhada por 14 slides de lanterna com motivos da vida de Jesus dos quais reproduzimos aqui somente sete (figura 5). Para projetar o hino mais esses motivos precisava-se usar dois projetores. Observamos ainda de passagem que, segundo os estilos e formatos diferentes que os slides apresentam, eles não parecem pertencer a uma única série de pinturas de um/a só artista. Aparentemente, quem criou esse conjunto se serviu de determinado acervo de slides de lanterna e criou uma sequência temática que seguia a letra. Além disso, comprova esse conjunto de 1920 que a fabricação de novos conjuntos de slides para o acompanhamento de hinos era ainda uma prática religiosa na Igreja Metodista, mesmo trinta anos depois da sua menção no catálogo de 1890.<sup>34</sup>

<sup>32</sup> Finney, Moody e Sankey eram também ativos abolicionistas, pregavam sobre o tema e Finney, como presidente do Oberlin Collegiate Institute entre 1851-1866, participou com os estudantes desse seminário teológico no chamado *Underground Railroad*, uma rede de pontos de apoio para organizar a fuga de escravos do sul do EUA.

<sup>33</sup> BOOTS, 1993, p. 12.

<sup>34</sup> Entretanto, não encontramos um exemplo para isso entre os slides preservados no acervo em São Bernardo do Campo, SP.

Um outro uso comum para slides de lanterna, era a promoção do trabalho missionário em outros países, com o objetivo de financiar esse trabalho. Segundo Kentwood D. Wells, esse uso foi até além do uso no trabalho das igrejas:

Divido os usos práticos da lanterna mágica em quatro categorias: (1) uso por missionários, (2) uso em igrejas, (3) uso para palestras não religiosas e (4) vários outros usos, como propaganda nas laterais de prédios, projeção de resultados eleitorais, etc. A categoria missionária é muito grande, seguida do uso em igrejas<sup>35</sup>.

Além do oferecimento de slides de lanterna por fabricantes seculares, forneceram e emprestaram também instituições religiosas interdenominacionais coletâneas temáticas, como era o caso do *Christian Lantern Slide and Lecture Bureau*. Esse estabelecimento foi uma das grandes distribuidoras de slides de lanterna com motivos cristãos nos EUA e ofereceu uma ampla variedade. A empresa anunciou seus produtos em diversas revistas cristãs (figura 6):

Nesse anúncio informa-se a respeito das seis palestras com a temática do evangelismo no próprio país e das iniciativas missionárias em outros países. Além disso é abordado um catálogo de 200 páginas, o que nos dá uma ideia da imensidade de slides de lanterna oferecidos.

Figura 6: Anúncio do catálogo do Christian Lantern Slide and Lecture Bureau.



**AROUND THE WORLD EXCURSION**

THE WORLD'S MY PARISH

Illustrated lecture course  
GIVEN BY THE PASTOR  
**\$11.00 SIX LECTURES \$11.00**  
Home and Foreign Missions.  
How pastors may secure and  
easily pay for HIGH GRADE STEREOPTICONS and MOTION PICTURE MACHINES. 200 page Open Door Catalog FREE.

**The Christian Lantern Slide & Lecture Bureau**  
Dep. S. 153 La Salle St., Chicago, Ill.

Fonte: Revista The Living Church, 1908, p. 399<sup>36</sup>

Quanto ao uso de slides de lanterna nas igrejas anota-se também a promoção de temas não religiosos. Isso demonstram dois anúncios de uma Igreja Metodista no início do século 20:

<sup>35</sup> WELLS, Kentwood D. What's in a name the magic lantern and the stereopticon in American periodicals 1860-1900. *The Magic Lantern Gazette*, San Diego, CA., v. 20, n. 3, p. 3-19, 2008. p. 10.

<sup>36</sup> Na edição de 1932 da revista não há mais propagandas do *The Christian Lantern Slides and Lecture Bureau*.

Figura 7: The Williams News, Williams, AZ: 1907-04-06, p. 4.

The second of a series of stereopticon lectures will be given at the M. E. church April 9th. This lecture will be entitled "The Diamond Fields of Dixie." Those who attended the last lecture pronounced it one of the most interesting they ever heard—one solid hour of entertainment.

Fonte: <https://azmemory.azlibrary.gov/digital/collection/sn82015761/id/1804/>

Figura 8: The Williams News, Williams, AZ: 1907-04-06, p. 4.

An interesting, picturesque and inspirational study of the great Southland, under the direction of the Christian Lantern Slide and Lecture Bureau, of Chicago, will be given at the M. E. church on Tuesday evening, April 9th. The slides are artistically colored by hand. Single tickets, 35 cents. Children 15 cents.

Fonte: <https://azmemory.azlibrary.gov/digital/collection/sn82015761/id/1804/>

Ambas as apresentações tratam de temas da vida, mas de temas seculares. A primeira, “Os Campos de Diamantes de Dixie”, refere-se às atividades de mineração no estado de Idaho que, depois de 1900, foi muito próspero. Na segunda, o “Grande País do Sul”, ou seja, a Austrália, a igreja convidou o Escritório de Leitura e de Slides de Lanterna Cristãos de Chicago, para dirigir o evento. Como temáticas missionárias ou religiosas em geral, não são classificadas como “interessantes, pitorescas e inspiradoras”, esse evento pode igualmente constituir uma apresentação sem ênfase religiosa. As duas apresentações foram anunciadas para o dia 9 de abril, mas somente no segundo aviso consta uma informação quanto a uma cobrança pela entrada. O que se evidencia aqui é o caráter público das apresentações: ambas são notificadas no jornal local como eventos importantes ou “[muito] interessantes”. Ainda, menciona-se no segundo caso como aspecto adicional que os slides eram coloridos à mão. Kentwood Wells<sup>37</sup> apresenta outro exemplo. Ele dedicou um artigo a um dos mais famosos apresentadores de slides de lanterna não religiosas, George Reed Cromwell (1835-1899), e menciona apresentações em Igrejas Metodistas Episcopais. Concluímos que ao redor da virada do século, encontramos nos EUA Igrejas Metodistas como lugares de apresentações de slides de lanterna com temas até não religiosos, mas, de interesse público, para informação ou diversão.

Um momento muito especial do uso de slides de lanterna na Igreja Metodista documenta Christopher Anderson<sup>38</sup>, quando fala da Exposição do Centenário, um evento organizado em 1919 pela Igreja Metodista Episcopal e pela Metodista Episcopal Sul, ambas atuando no Brasil desde as últimas décadas do século 19. Quanto ao uso de slides de lanterna esse evento específico destacou-se pelo amplo uso e o gigantismo, já que contava com a maior tela de projeção do mundo até então usada.

Mais de um milhão de visitantes pagaram uma taxa de admissão de meio dólar para visitar grandes pavilhões com temas internacionais e ver exposições detalhadas contendo africanos, asiáticos e sul-americanos, convertidos ao cristianismo sob os auspícios de sociedades missionárias metodistas. [...] À noite, os mesmos visitantes entravam no hipódromo transformado em teatro metodista ao ar livre para assistir a um show de lanternas mágicas sobre os

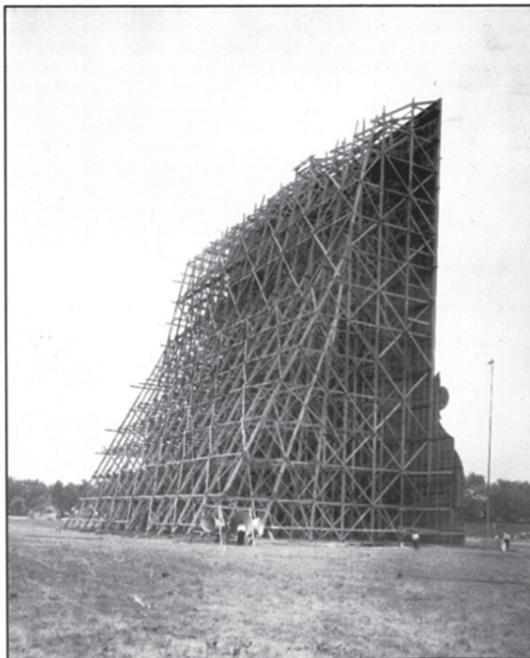
<sup>37</sup> WELLS, 2013, p. 3-45.

<sup>38</sup> ANDERSON, Christopher. “Magic lanterns, missionary photographs, and the world’s largest screen. *Magic Lantern Gazette*, San Diego, Ca, v. 17, n. 3, p. 2-5, 2005.

povos “estranhos” e “exóticos” do mundo exibidos em proporções gigantescas diante de seus olhos. Eles queriam ver missionários, paisagens distantes e estrangeiros cristãos convertidos na maior tela do mundo<sup>39</sup>.

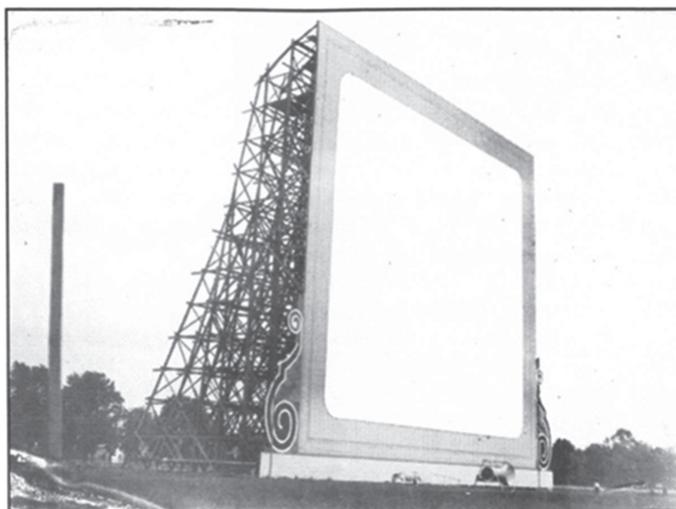
O evento, que ocorreu um ano depois do fim da I Guerra Mundial, celebrou os 100 anos de atividades missionárias dessas igrejas e tinha o nome de “Feira Mundial Metodista”.

Figura 9: Tela de projeção na Exposição do Centenário Metodista, 1919 [frente].



Fonte: C. Anderson (2005, p. 2).

Figura 10: Tela de projeção na Exposição do Centenário Metodista, 1919 [parte de trás da tela].



Fonte: C. Anderson (2005, p. 3).

<sup>39</sup> ANDERSON, 2005, p. 2-3.

Acompanharam a tela também projetores enormes:

Os equipamentos de projeção utilizados na Comemoração do Centenário incluíam as mais recentes e maiores lanternas mágicas, estereópticos e projetores de cinema, que ajudaram a firmar a Igreja Metodista Episcopal como pioneira na divulgação da mídia. O uso de seus projetores para lançar imagens na tela do filme de dez andares criou um espetáculo, que destacou a consciência de mídia e as proezas tecnológicas da Igreja Metodista<sup>40</sup>.

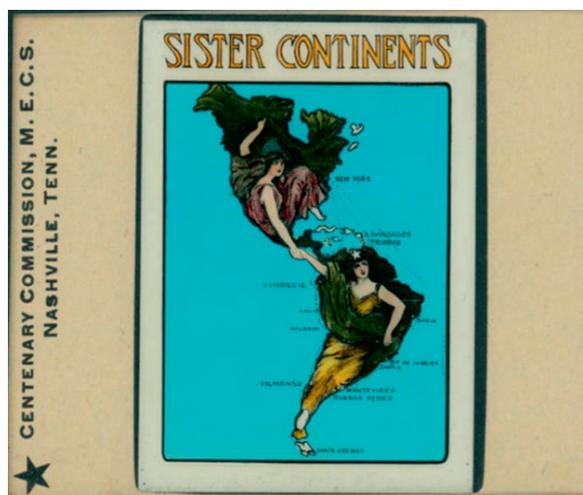
Nome e as dimensões do evento em si articulam a autocompreensão dos metodistas estadunidenses, na época a maior denominação protestante do país. Havia um enorme esforço nacional de juntar dinheiro para financiar as atividades missionárias, inclusive no Brasil, onde diversos prédios de igrejas foram construídos com essa verba. Provavelmente usava-se slides como aqueles dois que mostramos em seguida (figuras 11 e 12).

Figura 11: Slide de Lanterna da Igreja Metodista em Poços de Caldas.



Fonte: Bridwell Library Special Collections, SMU.  
Disponível em: <https://digitalcollections.smu.edu/digital/collection/lantern/id/49/>

Figura 12: The Sister Continents, Brazil lecture slides. 1910-1923.



Fonte: Bridwell Library Special Collections, SMU.  
Disponível em: <https://digitalcollections.smu.edu/digital/collection/lantern/id/110>

Estes dois slides encontram-se hoje no acervo digital da Southern Methodist University, Texas, EUA. O primeiro slide (figura 11) mostra uma fotografia do prédio novo da Igreja Metodista em Poços de Caldas com a indicação do ano relativamente vaga da sua criação: entre 1900 e 1925. Importante é que na moldura se lê o nome do Departamento de Missão da Igreja Metodista Episcopal, Sul, inclusive o nome da cidade onde ficava a sua sede, Nashville, TN. O segundo slide de lanterna (figura 12) fez parte da coletânea de slides de lanterna da Comissão do Centenário da Igreja Metodista Episcopal, Sul, ou seja, do departamento que deu continuidade ao evento descrito acima. Para isso, os slides de lanterna, usadas no evento, foram novamente para as igrejas:

<sup>40</sup> ANDERSON, 2005, p. 3.

O uso de lanternas mágicas e estereópticas para fins educacionais e de entretenimento tem sido familiar para muitos visitantes presentes na passagem metodista. Ao longo do final do século XIX e início do século XX, os metodistas americanos usaram lanternas mágicas nas igrejas locais para ilustrar as façanhas internacionais de missionários, para mostrar diários de viagens interculturais e projetar lâminas de vidro feitas à mão para fins educacionais. As igrejas projetavam essas imagens em telas de musseline baratas dentro do santuário ou do salão recreativo enquanto um pastor, um palestrante itinerante, ou coro da igreja, fornecia a narração e o acompanhamento musical<sup>41</sup>.

Fica evidente que, na época, os metodistas americanos demonstraram grande familiaridade e nenhum constrangimento pelo uso dessa mídia em eventos e suas igrejas – inclusive no santuário, ou seja, no lugar da celebração do culto. Detalhes, como a participação de corais em eventos de apresentação, revelam um estilo elaborado e estruturado desses encontros, e não eram realizados de improviso. Anderson conclui sobre a relação entre essa mídia e a Igreja Metodista:

Não nos corrobora muito que os esforços em um evento em 1919 sirvam para descrever a Igreja Metodista como pioneira dessa mídia, visto que seja um ano no qual alguns já afirmaram como próximo ao fim da era dos slides de lanterna. Entretanto, certamente pode-se concluir que as informações obtidas não deram evidência alguma de serem adversas ao uso dessa mídia, nem na Igreja Metodista Episcopal, nem na Igreja Metodista Episcopal Sul.

### 3. O uso de slides de lanterna pela Igreja Metodista Episcopal, Sul, no Brasil

Quando os primeiros missionários metodistas chegaram no Brasil, eles trouxeram projetores e slides de lanterna consigo. Alguns desses aparelhos e slides encontramos hoje no *Museu da Tecnologia da Comunicação* da Universidade Metodista de São Paulo, inaugurado em 2003. Aos objetos expostos pertencia uma caixa com 526 slides, na sua maioria com temas religiosos, alguns com temas educacionais. Anota-se que eles não estavam bem preservados, nem registrados nas bibliotecas da Faculdade de Teologia ou do Instituto Ecumênico, a atual biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, ou na biblioteca geral da universidade. A composição temática desses slides de lanterna é a seguinte:

- Slides com temas da educação escolar geral [biologia e geografia]<sup>42</sup>;
- Slides com temas morais [alcoolismo; tabagismo];
- Slides com temas da educação religiosa e/ou teológica [cenos do Antigo e do Novo Testamento; Letras de hinos e cânticos; fotografias da Terra Santa; passagens do Novo Testamento Grego; um rolo de papiro com letras em hebraico];
- Slides de relatos de missionários [retratos de igrejas, comunidades, entre outros; retratos de pessoas com roupas de formatura].

<sup>41</sup> ANDERSON, 2005, p. 3.

<sup>42</sup> Quanto ao amplo uso de slides de lanterna na educação, veja KEMBER, Joe. *A Million Pictures: Magic Lantern Slide Heritage as Artefacts in the Common European History of Learning*. 2018. p. 1-8) e SHEPARD, Elizabeth. “The magic lantern slide in entertainment and education, 1860–1920”. *History of Photography*, London, v. 11, n. 2, p. 91-108, 1987.

Essa mistura de slides de lanterna pode ter diversas explicações. A Faculdade de Teologia era uma fusão de 1943 de dois seminários teológicos, um de Porto Alegre e o outro de Juiz de Fora. Isso explica a existência de slides religiosos. A origem dos slides com temas educacionais gerais não é clara. Certamente não chegaram dos EUA, mas, foram feitos no Brasil. Ou eles chegaram no acervo depois de caíram em desuso nos diversos colégios metodistas no Brasil, talvez do Colégio Piracicabano do Estado de São Paulo; ou fizeram parte de disciplinas de conhecimento geral oferecidas na própria Faculdade de Teologia antes de 1950.

Já os slides com motivos religiosos vinham com certeza diretamente dos EUA, já que suas molduras preservaram até hoje as indicações das origens de produção (figuras 13 e 14):

Figura 13: William Holman Hunt, *The Shadow of Death*, Chicago: depois 1873 ou 1886<sup>43</sup>. Figura 14: S. N. Marta e Maria”. Saint Louise.



Fonte: Acervo do Museu da Comunicação, UMESP.  
Foto de Lidia Kameyo Ueda-Fischer.



Fonte: Acervo do Museu da Comunicação, UMESP.  
Foto de Lidia Kameyo Ueda-Fischer

Algumas delas contêm também anotações feitas a caneta, em inglês ou em português, com informações sobre os slides. O slide ao lado direito vinha do *The Christian Lantern Slide and Lecture Bureau* com sede em Chicago, Illinois, EUA (figura 13). O segundo slide (figura 14) foi produzido pela *Erker's Brothers Optical Company*, a Companhia Ótica dos irmãos Erker de Saint Louis do Estado Missouri, da região centro-oeste. Anota-se que o estado de Illinois fez parte dos estados da União e o estado de Missouri integrou os estados da Confederação. Apesar de ser bem provável que os slides encontrados no Brasil foram produzidos depois da Guerra da Secessão (1861-1865), as respectivas duas igrejas metodistas existiam ainda até 1930 separadas, quando se reuniram para formar a Methodist Church. E mesmo que suas mentalidades distintas tenham prevalecido além dessa data, as coletâneas de slides de lanterna usadas pela Igreja Metodista Episcopal, Sul, não evidenciam estas perspectivas distintas. Podemos inferir, então, que mesmo que se entenda que o Norte e o Sul desenvolveram imaginários religiosos distintos, em especial, ao redor da defesa ou da rejeição da escravidão, isso não pode ser evidenciado em relação ao uso desse tipo de mídia visual de 1890 a 1900, quando estes slides chegam ao Brasil com missionários sulistas.

<sup>43</sup> O original de William Holman Hunt foi retocado em 1886.

Nosso próximo comentário se dirige aos pintores/as encontrados/as para acompanhar e visualizar textos bíblicos. Com isso queremos documentar que, além do amplo uso da cultura visual na época, as imagens usadas revelam uma interessante abrangência quanto ao vínculo confessional dos artistas. A imagem “Cristo na casa de Marta e Maria” (figura 14) parece seguir a composição de uma pintura de Jan Vermeer de 1665.<sup>44</sup> Não obstante, o estilo historicista – as figuras retratadas não vestem mais roupas do contexto do pintor, mas supostamente históricas – sugere que seja uma obra da segunda metade do século 19.

Figura 15: Peter Paul Rubens. A descida da cruz, 1622. Slide de Lanterna, 1890/1910.



Fonte: Acervo do Museu da Comunicação, UMESP. Foto de Lidia Kameyo Ueda-Fischer

Figura 16: Charles Lock Eastlake. The good Samaritan, 1850. Slide de Lanterna, 1890/1910.



Fonte: Acervo do Museu da Comunicação, UMESP. Foto de Lidia Kameyo Ueda-Fischer

Existe uma pintura igual na Igreja do Monastério da Irmandade de Niederborn em Viena, Áustria, porém com um outro esquema de coloração<sup>45</sup>, e uma gravura francesa, que indica que o artista seja católico. Já lemos anteriormente a respeito disso que “todas as imagens foram selecionadas com muito cuidado entre os grandes mestres, antigos e novos, pelos melhores especialistas”. Supomos que estes especialistas eram em primeiro lugar especialistas de história de arte com seus critérios de mestria artística, uma concepção e categorização de arte típica do século 19. Alegamos isso, porque a mestria teológica que se traduz em geral por perspectivas confessionais ou denominacionais, aparentemente, não era um critério, e se for, certamente não era excludente. Baseamos esta talvez surpreendente afirmação no amplo aproveitamento de artistas barrocos católicos como Peter Paul Rubens (1577-1640), um artista da reforma católica

<sup>44</sup> Cf. [https://en.wikipedia.org/wiki/Christ\\_in\\_the\\_House\\_of\\_Martha\\_and\\_Mary\\_\(Vermeer\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Christ_in_the_House_of_Martha_and_Mary_(Vermeer)).

<sup>45</sup> Cf. <https://www.bistum-eichstaett.de/geistlicher-impuls/geistlicher-impuls-61-marta-maria-in-eins-mein-alltag/>.

ou, na perspectiva protestante, contrarreformista (figura 15). O mesmo se repete após o século 19 com a inclusão de artistas do ciclo dos Nazarenos.

Já a pintura ao seu lado, *O bom samaritano* de Charles Lock Eastlake (1793-1865), pintada em 1850, revela aspectos românticos (figura 16).

Como na época do Barroco – pensando no calvinista Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1666) ao lado de Rubens – houve da mesma forma durante o século 19 aproximações citações estéticas entre diferentes ramos do cristianismo (figuras 17 e 18).

Figura 17: S.N. A cruz salva.  
Slide de lanterna, 1890/1910.



Fonte: Acervo do Museu da Comunicação, UMESP.  
Foto de Lídia Kameyo Ueda-Fischer.

Figura 18: S. N. Eu creio, Santinha,  
francês, séc. 19.



Fonte: <http://www.payer.de/religionskritik/antimodernisteneid.htm>

Os originais tanto do slide da nossa coletânea (figura 17) como do Santinho francês (figura 18) são de Johannes Adam Simon Oertel (1823-1909), um pintor da Bavária, Alemanha, que foi para os EUA em 1848. Oertel se inspirou no hino *Rock of Ages, Cleft for Me*, do sacerdote anglicano Augustus Montague Toplady (1740-1778), escrito em 1763. A imagem católica francesa (figura 18) segue a pintura *Rock of Ages* de Oertel de 1865 e o slide de lanterna segue sua pintura *Simply to thy cross I cling*, que retrata a Caritas assistindo a Fides.<sup>46</sup> Neste caso, a versão católica parece ser a secundária, inspirada num pintor anglicano, ou seja, a dependência seria invertida.

<sup>46</sup> Dentro dos slides encontrados há outra imagem com as informações “ROCK OF AGES A *The shipwreck*” [lado direito] e “Besseler Lantern Slides Co. Inc.” [lado esquerdo], que retrata uma rocha que atravessa um barco, com duas mulheres segurando-se a ele. A *Charles Beseler Lantern Slide Company* foi fundada em 1869 em Nova York e encerrou suas atividades ao redor de 1950. Um catálogo de 1920 conteve 950 slides (CHARLES BESELER LANTERN SLIDE COMPANY, 1920).

Esta iconografia transconfessional não ficava restrita ao uso dos slides de lanterna. O mesmo fenômeno já foi observado em relação às imagens impressas circulando nas escolas dominicais antes da década de 30 do século passado e bíblias ilustradas.<sup>47</sup> A questão da origem das imagens que aparentemente não passava por uma escolha restritiva optando somente por artistas protestantes, algo plenamente possível ao final do século 19 e início do século 20, pela ampla oferta de tais obras. Mas que poderia ser a razão por essa rica diversidade, em uma época em que conflitos entre o catolicismo e protestantismo aumentaram? Supomos que estas opções passam mais pela profunda expressividade tanto da arte barroca como da arte romântica e suas formas de retratar pessoas, seus gestos, olhares e posturas corporais articulando um afeto religioso, tanto por parte da divindade em relação aos seres humanos, quanto os seres humanos em relação à divindade e entre eles e elas mesmos/as. Nesse caso, não se trataria nem de uma forma de indiferença nem de uma forma de tolerância religiosa, mas de uma ênfase no modo de viver a religião e desenvolver uma piedade.<sup>48</sup> Trata-se de uma cultura visual promovendo afetos, ao lado de apelar também à razão, e concordamos com Morgan, quando afirma: “[...] as imagens e seus usos devem ser examinados quanto às maneiras pelas quais ajudam a criar formas de simpatia, empatia e antipatia – sentir com, sentir em ou como e sentindo contra ou de uma forma diferente”<sup>49</sup>.

Sem dúvida nenhuma, o metodismo do século 19 e início do século 20 achava essa forma da articulação do afeto religioso especialmente na narração visual de histórias bíblicas um elemento, no mínimo, permissível e útil, senão, promissor. Se isso não é visto como um grande por acaso ou até acidente, a ideia de um confronto radical no Brasil entre um protestantismo racional e iconoclasta e um catolicismo emotivo e iconófilo precisa ser parcialmente revista, já que o uso de pinturas católicas teria passado evidentemente por tal declarada censura, ainda mais, esse uso fez parte do cotidiano da catequese bíblica protestante, dos primeiros 70 anos da missão. Isso terminava sucessivamente em duas grandes etapas. Primeiro, com a criação de revistas da escola dominical metodistas brasileiras ao redor de 1934 secou o fluxo contínuo de imagens com temas bíblicos distribuídos nas escolas dominicais, vindo das agências de Escola Dominical estadunidenses. Segundo, aposentava-se os slides de lanterna sucessivamente depois da II Guerra Mundial, e nas mídias que eles substituem, em especial os filmes de diapositivo de Agfa e Kodak, não foram mais refeitas as séries com pinturas de cenas bíblicas. A transposição de uma mídia para a outra não ocorreu, apesar do seu uso muito mais fácil pelas dimensões dos aparelhos. Eventualmente isso indica uma mudança de conduta, mas, se for o caso, ela iniciou-se depois de 1945 e não antes.

<sup>47</sup> Cf. RENDERS, Helmut. UEDA-FISCHER, Lídia Kameyo. As linguagens visuais da Bíblia Pictórica da Família, Foster, 1890 e a articulação do afeto religioso e da sensibilidade social”. *Caminhando*, SBC, SP, v. 25, n. 2, p. 123-141, jul./dez. 2020. Esta tradição é até mais antiga como outro texto em elaboração o mostra. É o caso de um livro sobre a vida de Jesus de Samuel Wesley (1693) com gravuras de James Faithorne. Ele era o pai de Carlos e João Wesley, cofundadores do metodismo inglês no século 18. Sendo assim, manteve-se por 250 anos.

<sup>48</sup> O mesmo vale segundo nossa percepção para a escola de imagens da escola romântica da arte para slides de lanterna e imagens impressas. Interessantemente, são estas imagens acompanhadas por imagens que pertencem à arte realista, a segunda grande tendência do século 19.

<sup>49</sup> MORGAN, David. *The embodied eye: religious visual culture and the social life of feeling*. University of California Press, 2012. p. 141.

## Considerações finais

O uso “religioso” de lanternas mágicas e slides de lanterna passou por uma reviravolta. Inicialmente considerado inútil para o uso científico por ser usado, frequentemente, para promover superstições que ganharam uma categoria própria, as chamadas fantasmagorias, estabeleceu-se seu uso depois no século 19 como um amplo uso científico-educacional e religioso na maioria das igrejas cristãs. Apesar de que sejam hoje quase esquecidos, os slides de lanterna eram o powerpoint ou cinema de seus dias e representam o uso e domínio dessa mídia visual nas igrejas metodistas – e muitas outras – nos Estados Unidos já a partir dos meados do século 19. O uso de slides de lanterna americanas nas missões metodistas no Brasil ocorreu eventualmente, a partir de 1880, certamente, depois de 1910. Encontram-se exemplos de uso educacional, em sua grande maioria, educacional religiosa.

O uso paralelo de slides retratando pinturas de artistas católicos ao lado de artistas protestantes parece ter sido comum nos EUA em uma grande parte das igrejas evangélicas e foi repetido pelos missionários norte-americanos metodistas. Isso não deve ser interpretado como uma atitude ecumênica antes do surgimento do movimento ecumênico, mas, como valorização da obra de arte por ela mesma enquanto a sua expressividade que nos interpretamos como opção pela articulação do aspecto afetivo da religião, algo que arte barroca e romântica, mesmo de formas distintas, têm em comum. Ao lado disso, encontramos em número bem menor obras do estilo realista que já indica uma visão do mundo que na Igreja Metodista Episcopal do Sul, depois de 1918, foi articulada pelo Credo Social. Aqui se junta, pontualmente, à ênfase no afeto religioso o tema da solidariedade e da necessidade de mudanças sociais. O peso, porém, está em outros estilos de arte mencionados neste artigo o que nos faz pensar, quanto aos slides de lanterna religiosas encontradas, em uma dominância de uma estética do afeto, tanto pelo apelo do conteúdo dos slides, como pelo uso da mídia em si. Além disso, requer o de fato desaparecimento de toda essa específica riqueza visual na segunda parte do século vinte ainda mais pesquisas. Houve uma simples substituição de uma forma de cultural visual específica por uma outra forma, eventualmente, de formas visuais do exterior por genuinamente brasileiras? Trata-se de um interregno iconoclasta, até a chegada da virada icônica na década 70 que hoje se manifesta por uma inundação de igrejas evangélicas por novas imagens, muitas nunca vistas anteriormente?

## Referências

- AN, DONG. “The legacy of the Jesuits: the practice and social influence of magic lantern projectors and films of the T’ou-Se-We Orphan Arts and Crafts Institute in Shanghai. *Early Popular Visual Culture*, London, v. 18, n. 1. p. 1-14, 2020.
- ANDERSON, Christopher. “Magic lanterns, missionary photographs, and the world’s largest screen. *Magic Lantern Gazette*, San Diego, Ca, v. 17, n. 3, p. 2-5, 2005.
- BOOTS, Cheryl C. “The Intersection of Technology and Religion: Magic Lantern Hymn Slides”. *Magic Lantern Gazette*, San Diego, Ca, v. 5, n. 2, p. 12-13, verão 1993.
- BRAAT, Lize. *Fantasmagorie: les lanternes de peur entre science et croyance*. Strasbourg: Éditions des Musées de Strasbourg, 2020.

- BROWN, Jennifer S. H. “Mission Indian progress and dependency: ambiguous images from Canadian Methodist lantern slides”. *Arctic Anthropology*, Madison, WI, v. 18, n. 2, p. 17-27 (1981). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40315998>. Acesso em: ago 2021.
- BUONODUCE, Fernando. *Os evangelhos na arte: erros de inspiração*. 1941. Monografia (Graduação em Teologia) – Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP: 1941.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. “O Protestantismo de Missão no Brasil, cidadania e liberdade religiosa”. *Educação & Linguagem*, São Bernardo do Campo, SP, v. 17 • n. 1, p. 76-116, jan-jun. 2014.
- CHARLES BESELER LANTERN SLIDE COMPANY. *Salesman sample catalogs*, 1920. Small Special Collections Library, University of Virginia. Disponível em: <https://archives.lib.virginia.edu/repositories/3/resources/847>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- CULLEN, Fintan. “Marketing National Sentiment: Lantern Slides of Evictions in Late Nineteenth-century Ireland.” *History Workshop Journal*, Oxford, v. 54, p. 163-179, 2002.
- DUPLEX, Bombastes. “The Magic Lantern in Church”. *Magic Lantern Bulletin*, San Diego, Ca, v. 2, n. 3, p. 3-4, 1988.
- FIORIO, Kalindy Hyandra. *O Surgimento da Cultura Visual Protestante Brasileira: o caso da chegada e do uso de imagens estadunidenses usadas nas escolas dominicais brasileiras entre 1890 e 1945*. Projeto FAPESP. São Bernardo do Campo, SP. 2019.
- HATRICK, Elizabeth. *The magic lantern in colonial Australia and New Zealand*. Melbourne: Australian Scholarly Publishing, 2017.
- HUHTAMO, Eric. “Elementos de Screenologia: em direção a uma arqueologia da tela”. *Revista de Audiovisual Sala 206*, Vitória, ES, n. 3, p. 1-50 dez. 2013.
- HUYGENS, Christiaan. *Oeuvres completes de Christiaan Huygens*. Editado por D. Bierens de Haan, vol. 4: Correspondance 1662-1663. Den Haag: Editora Martinus Nijhoff, 1891. Disponível em: [https://www.dbnl.org/tekst/huyg003oeuv04\\_01/huyg003oeuv04\\_01.pdf](https://www.dbnl.org/tekst/huyg003oeuv04_01/huyg003oeuv04_01.pdf). Acesso em: 10 out. 2021.
- KEMBER, Joe. *A Million Pictures: Magic Lantern Slide Heritage as Artefacts in the Common European History of Learning*. 2018. Disponível em: <https://gtr.ukri.org/projects?ref=AH%2FN504415%2F1>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- KESSLER, Frank; LENK, Sabine. “Projecting faith: French and Belgian Catholics and the magic lantern before the First World War”. *Material Religion*, v. 16, n. 1, p. 61-83, 2000.
- KIRCHER, Athanasius. *Ars magna lvcis et vmbrae: n decem libros digesta*. Romae: Scheus, 1646. Disponível em: <http://diglib.hab.de/drucke/94-2-quod-2f/start.htm>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- KIRCHER, Athanasius. *Ars magna lvcis et vmbrae: n decem libros digesta*. Amstelodami: Johan Jansson, 1671. Disponível em: <https://archive.org/details/athanasiikirche00kirc/page/n9/mode/2up>
- KITTLER, Friedrich. *Optical media: Berlin lectures 1999*. Tradução: Anthony Enns. Cambridge; Malden, MA: Polity Press, 2010.
- LEIGHTON, Howard B. “The lantern slide and art history”. *History of Photography*, London, V. 8, n. 2, p. 107-118, 1984.
- LUCERNA. *The Magic Lantern Web Resource*. Disponível em: <http://lucerna.exeter.ac.uk/>. Acesso em: 22 nov. 2021.

- MAGIC LANTERN SOCIETY. Disponível em: <http://www.magiclanternsociety.org/about-magic-lanterns/lantern-slides/>. Acesso em: 10 de fev. 2023.
- MANNONI, Laurent. *The great art of light and shadow: archaeology of the cinema*. Exeter, Devon: University of Exeter Press, 2000.
- MARSHALL, Chester C. "The church and the cinema, motion picture activities in two metropolitan churches which resulted in great ethical and spiritual good: helpful suggestions to churchmen and film manufacturers". *Educational Film Magazine: The National Authority*, jan. 1919, p. 12-14. Disponível em: <https://ia801607.us.archive.org/33/items/educationalfilm01city/educationalfilm01city.pdf>. Acesso em: 20 jan.2023.
- MARTINEZ, Alejandro. "Evangelization, Visual Technologies, and Indigenous Responses The South American Missionary Society in the Paraguayan Chaco". *International Bulletin of Missionary Research*, New York, v.34, No. 2, p. 83-86, abr. 2010.
- MARTON, Fábio. *Aventuras na história. Os três séculos da invenção do cinema. Como fazíamos sem a sétima arte? Ela foi criada parte a parte*, 2017. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/os-tres-seculos-da-invencao-do-cinema.phtml>> Acesso em: 13 nov. 2022.
- MEDIA HISTORY DIGITAL LIBRARY. *Lantern*. Disponível em: <<https://lantern.mediahist.org/>>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- MITCHELL, W. J. T. *Picture theory: essays on verbal and visual representation*. Chicago, 1994.
- MORGAN, David. *The embodied eye: religious visual culture and the social life of feeling*. University of California Press, 2012.
- NAWARA, Yuji. "Phantasmagoric Literatures from 1827: Johann Wolfgang von Goethe, Sin Chaha, and Kyokutei Bakin". *Jahrbuch für Internationale Germanistik*, v. 54, n. 1, p. 145-166, jan. 2022.
- RENDERS, Helmut. UEDA-FISCHER, Lídia Kameyo. "As linguagens visuais da Bíblia Pictórica da Família, Foster, 1890 e a articulação do afeto religioso e da sensibilidade social". *Caminhando*, SBC, SP, v.25, n. 2, p. 123-141 (jul./dez. 2020).
- S.N. "Magic Lantern and Lantern Slide Catalog Collection". In: *Media History Digital Library*, 2021. Disponível em: <<https://mediahistoryproject.org/magiclantern/>>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- \_\_\_\_\_. *McIntosh Battery and Optical Company Illustrated Catalogue*. Chicago: 1890. Disponível em: <<https://archive.org/details/IllustratedCatalogueOfMagicLanternsImages>>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- SAN DIEGO STATE UNIVERSITY LIBRARY. *Magic Lantern Gazette*, San Diego, Ca, 1989-2019. Disponível em: <<https://library.sdsu.edu/scua/digital/resources/magic-lantern-pubs/gazette#2007>>. Acesso em: 12 ago. 2022.
- SCHAEFER, Sarah C. "Illuminating the Divine: The Magic Lantern and Religious Pedagogy in the USA, ca. 1870–1920". *Material Religion*, Durham, NC, v. 13, n. 3, p. 1-26, 2017.
- SHEPARD, Elizabeth. "The magic lantern slide in entertainment and education, 1860–1920". *History of Photography*, London, v. 11, n. 2, p. 91-108, 1987.
- SMU. *Lantern Slides produced by the Methodist Episcopal Church*, South. Disponível em: <https://www.smu.edu/Bridwell/SpecialCollectionsandArchives/Exhibitions/VirtualAndReal/MECS>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- STEVEN BROTHERS, Glasgow. "The lantern Bible". *The Optical Magic Lantern Journal*, London: v. 8, n. 99, p. xv, ago 1897. Disponível em: <[https://lantern.mediahist.org/catalog/opticalmagiclanternjournal-1897-08\\_0031](https://lantern.mediahist.org/catalog/opticalmagiclanternjournal-1897-08_0031)>. Acesso em: 20 jan. 2023.

- UEDA-FISCHER, Lidia Kameyo. Slides de lanterna: expressão da cultura visual do protestantismo de missão na chegada ao Brasil. 2022. 125 folhas. Dissertação (Ciências da Religião) – Universidade Metodista de Sao Paulo, São Bernardo do Campo, 2022. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2202>
- UEDA-FISHER, Lidia Kameyo. 2019. *As Bíblias de Família Ilustradas dos EUA e o Surgimento da Cultura Visual Protestante Brasileira*. Projeto FAPESP. São Bernardo do Campo, SP. 2019.
- VERMEIR, K. “The Magic of the Magic Lantern (1660-1700): on analogical demonstration and the visualization of the invisible”. *The British Journal for the History of Science*, v. 38, n. 2, p. 127-159, 2005. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4028694>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- WELLS, Kentwood D. “George Reed Cromwell (1835-1899) America’s most famous forgotten magic lantern showman”. *The Magic Lantern Gazette*, San Diego, CA, v. 25, n. 4, p. 3-45, 2013.
- \_\_\_\_\_. “The magic lantern in American churches before 1860”. *The Magic Lantern Gazette*, San Diego, v. 27, n. 4, p. 3-33, 2015.
- WELLS, Kentwood D. What’s in a name the magic lantern and the stereopticon in American periodicals 1860-1900. *The Magic Lantern Gazette*, San Diego, CA., v. 20, n. 3, p. 3-19, 2008.
- WIKIPEDIA. *Lista de coleções dos slides de lanterna*. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_lantern\\_slide\\_collections](https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_lantern_slide_collections). Acesso em: 30 jan. 2021.

Submetido em: 23/02/2023

Aprovado em: 19/06/2023